revista de antropofagia

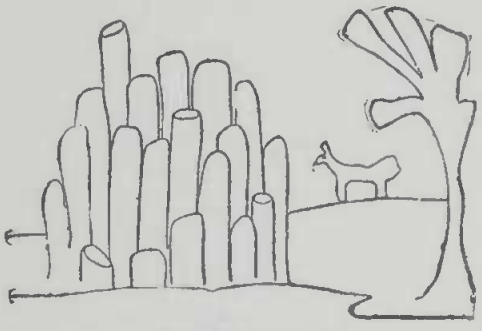
Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras

13.° numero da 2.ª dentição

tarsila

sumario do catalogo, em impressão, da exposição Tarsila, que se abrirá este mez, no Rio.

Artigo — [illegible] Severiano de Resende — Paris — 1926.
Tarsila et l'antropophagie, por Waldemar George, o celebre escriptor critico de La Presse — 1928.
L'exposition Tarsila, por André Warnod de Comœdia — Paris — 1926.
Algumas opiniões da grande critica parisiense:
Maurice Raynal Ma..milien Gauthier, Louis Vauxelles, Serge Romoff, G. de Pawlosky, Raymond Cognat.
Tarsila do Amaral, por Antonio Ferro, Contemporaneo de Lisboa — 1927.
A opinião de Mario de Andrade.
A opinião de tres indigos da antropofagia: Plinio Salgado, Antonio de Alcantara Machado, Menotti Del Picchia.
De Manuel Bandeira
De Alvaro Moreyra.
Como São Paulo está cultivando a arte moderna, artigo de Assis Chateaubriand — 1925.
De "Vogue" — Paris — 1926.
De "Cahiers d'Art" — Paris — 1928.
Da "Tribune" — "Paris-Midi", da "Renaissance", de "Comœdia", de "Jabiró", de "L'Art vivant".
Artigo de Renato Almeida — 1924.
Artigo de Paulo Silveira — 1924.
Artigo de Luis Annibal Falcão — 1925.
Artigo de Tasso da Silveira — 1928.
Referencias ao Primeiro Salon des Vrais Independants — Paris — 1928.
3 Poemas, Blaise Cendrars, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade.



Desenho de Tarsila

a opinião de Plinio Salgado

... Tarsila do Amaral, de quem Blaise Cendrars disse que seria capaz de provocar um movimento litterario... na Russia.

Não, Tarsila é capaz de provocar um movimento litterario no Brasil... Ella traz indicações notaveis dessas grandes forças elementares a que estou me referindo. Duas de suas lêdas principalmente têm um profundo sentido do "meio cosmico" e da "verdade racial". Fel-as sem sentir, porque o artista não pretende nunca outra coisa sinão fixar um pensamento. E esse pensamento, muitas vezes, é uma revelação prophetica".

(Do "Correio Paulistano" de 14 de fevereiro de 1928).

a opinião de Antonio de Alcantara Machado

Outros artistas ha sem duvida, Annita Malfatti e Rego Monteiro, por exemplo, emancipados tambem das velhas formulas pictoricas. Mas nenhum attingiu ainda com Tarsila do Amaral um grau tão intenso de brasilidade, nenhum possue como ella o dom precioso de ser de seu tempo e de sua terra. A autora desse quadro magistral que é o "[illegible]o do Esprito Santo" deve mesmo ser considerada o verdadeiramente primeiro pintor nacional na inspiração e (o que poderá a muitos parecer impossivel) na technica tambem ou, se preferirem, na factura.

A.

(Do "Jornal do Commercio" de S. Paulo, de 3 de julho de 1926).

a opinião de Menoti del Picchia

"E' assim que se explica o genio commocional de uma Antonietta Rudge, de uma Tarsila, de um Brecheret cyclopico..."

(Do "Correio Paulistano" de 4 de novembro de 1925).

EXPEDIENTE

Este é o 13.° numero da Revista de Antropofagia. (2.ª dentição)

E' director do mez Raul Bopp. A correspondencia póde continuar a ser enviada para Geraldo Ferraz (açougueiro). Caixa postal, 1269.

CICERO DIAS

Está em São Paulo. Fulgurante. Anda sempre com um boneco tragico. Desta vez foi o Caloca, personagem de Cicero Dias. Creação de uma pujantissima fantasia. Além disso, a sua bengala e o sentido da vida esguio sob uma cabelleira pensativa. Tem a coragem de ser romantico. E o gosto do occidente importado. E cuspiu fogo. Tarsila disse que Cicero em pintura faz footing. "E' o malur andarilho da imaginação brasileira".

OS AMIGOS DO ALHEIO

Santo oficio antropofagico

— I —

Além disso o sr. Plinio Salgado, por fazer questão de produzir uma obra modernista, aplicou todo o seu talento de renovador no estilo, caindo desse modo num êrro a que é difficil escapar entre nós. Nesse ponto a grande influencia que se nota no livro é a do sr. Oswald de Andrade, principalmente de Oswald de Andrade dos **Condemnados** e de **João Miramar**. Ha trechos e trechos de verdadeiros pastiches do autor de Pão-Brasil. Dês da forma fragmentada até aos menores cacoêtes da maneira desse escritor, a escolha das imagens, o ritmo da frase, aquelle geito tão peculiar a Oswald de Andrade de estabelecer aparentes ligações sintáticas entre frases que não têm nenhuma outra possivel, tudo isso o sr. Plinio Salgado assimilou. E tão perfeitamente que êle mesmo é capaz de não dar pela imitação. A gente percebe que aquillo lhe sai assim insensivelmente, naturalmente rebuscado. Exemplo: "O crepusculo Marfim-sêco, mastigado com azeitonas e amendoins preludiava a noite cocktail gizada de diagramas de jazz e relampagueada de visões rôsas de espáduas brancas das aspirações nocturnas com ostias de osso, plac-plac, dentro da madrugada verde, as casas verdes, caladas de fócos fósseis". Outro: "Os rôlos de fumo arriscam como bandeiras. As chaminés ficaram como dedos hirtos pedindo silencio, no céu parado, sobre o panorama do Brás amortalhado de garôas e pressentimentos. Magotes enxameavam as tavernas". Entretanto o sr. Oswald se utiliza com muito mais propriedade desses recursos expressivos, e o que lhe fica muito bem, por ser apenas um aspecto secundario do que êle fez, fica muito mal no sr. Salgado, em cuja obra possa a ter papel primordial.

Na pag. 53 uma frase conta que — partiu um aventureiro "no seu cavalo respino". Póde ser que um engano, nas a imagem que me sugere essa frase é a de um arriscado exercicio de equitação.

Prudencio de Moraes, neto.

(da "Revista do Brasil", de 30 de outubro de 1926)

No proximo numero: Ele como o sr. Le Menotti del Picchio surripiou velhas idéas do padre rabellero d. Miguel de Unamuno e de como se traduz um conto de Shaw e se publica com outro titulo na "Feira literaria" e mais provas contadas á tinta dantuzinha para os efeitos da infiltração fascista no nosso hospitaleiro paiz.

o italianinho sem primeiras letras

O poeta empastelado Menotti del Piccolo continua irremediavelmente analphabeto. Supõe que todo nome francez tem *Le* na frente. E' assim que em vez do conhecido nome de André Breton, elle escreve Le Breton! Fica mais bonito. Le Bossuet, Le Voltaire!

O nosso grande Anibal Machado interpelado sobre se queria responder ás grosserias do chefe do fascio do Bexiga, replicou por telegrama:

"Menoti não conhece o surrealismo.
Eu não conheço Menoti."

Le Diderot

desde o Rio Grande ao Pará!

O movimento antropofagico repercute por todo o Brasil, empolgando os espiritos jovens, na luta contra a mentalidade colonial e contra a arte e a literatura de contrabando

Desde o Amazonas ao Prata, desde o Rio Grande ao Pará, o movimento antropofagico repercute com uma intensidade nunca jamais alcançada por nenhum movimento anterior. Pela primeira vez, as forças jovens do Brasil se reunem e, solidarias, reagem contra a mentalidade colonial, contra a cultura de importação, contra a falsa literatura e a falsa arte, arrasando velhos preconceitos, destruindo igrejinhas de convencionalismo social e elogio mutuo literario, devorando com gosto e a goles de cauim o imigrante inaptavel.

No Pará e no Ceará fundaram-se clubs de antropofagia. O "Estado do Pará", o jornal mais importante de Belém, manifestou em coluna aberta a sua sympathia por nós. Em Fortaleza, "O Povo", diario de grande circulação, é francamente nosso e em artigos de fundo já tem-se manifestado declaradamente antropofago. Outro grande jornal, "O Ceará", que publica edições de cincoenta e seis paginas, acaba de inaugurar um supplemento antropofagico — TANGAPEMA. Vejam só que gostosuras:

Frondes na Carnauba

"Canta a jandaia nas frondes da carnaúba"... Passadismo! O que as frondes da carnaúba, agora, fazem, é bater as palmas á marcha arcelerada dos canibaes que passam imitando a onça ferida, a depennar o arco, atiral-o, e despeito a flecha emplumada de neul sobre o oiro liquido dos mirabolantes, de bandilhos crucianes a toucinho rancido da outra banda...

Temos cá dentes afiados para saborearmos os nibilos, em milho branco, desles transfugas do nativismo que morreu das investidas de nossas flechas, serão transformados em almondegas fritas em banha de teju-assú.

E venham prá cá com versos de Alfeloas puxados a cabolinismo!

Safa! A pandilha dos barbaças inhuidos de paginas a Camilho, a Eça, a Zola, a Flaubert, Machado de Assis ou Macedo, (animaes anti-diluvianos — rhinocentauros fosseis — marsupiaes mundificados) será devorada no ápice.

Aguenta, negrada!

No alto, bem no cucurúto da Serra Grande, onde labora o fogo sagrado da jurema preta, será trincada a sacia dos desnacionalizados com a suma da jequitaia de malaguêta e fartas lapinguaxadas de caiçuma.

Cahorlada á bola! Tangapema!

— GENUINO DE CASTRO.

A hora da embiára

Poema cantando ao pé da Serra-Mernóca, a incentivar os valentes caboclos da Ocára, faz convergil-os em tumulto dentro o floresta, brandindo a tangapema.

Continúa o estrugir do boré.

A [illegible] arco, atiral-o, e despeito a flecha emplumada de neul sobre o oiro liquido.

Os curumins ajuntam maravilhas de barbatimão, misturandas a resina de andiróba e sobreulçam a faúlha do isqueiro.

Está feita a coivára da Serra para o brazilo alegre da muquém.

A tribu tem fome de carne branca.

Continúa a estrugir o boré.

Irrompem do seio da mata os primeiros ululos da poema.

E' a hora do mastigo!

O cauim ferve nas cuias.

A dansa guerreira começa rodopiando derredór da Ocára...

A tribu tem fome de embiára branca.

E, os caboclos inspiram a Tupan, unem tres a quatro emplumas...

Venham os Marinetes, dizem elles: venham os brancos Marinetes, nedios e repolhudos, que estamos damniscos por uma bochecha de carne branca refogada em môlho de lucupi.

Recomeça a poema. Continúa o estrugir do boré.

Os curumins vaseolejam maracás...

As cunhantãs reloucam-se deliciosas e ardentes, na inetuosa volupia da gula, pelas vastas clareiras sobreloiradas de sol.

O bruzido da fogueira de pau d'arco está prompto para a muquem...

Os pagés atiram prêces a Tupan para a vinda das cudiáras, enquanto no largo terreiro da ocára reina a langapema...

As velhas moquenteiras lambem os beiços sensuaes só antegostando o salor de um par de bochechas sapecadas a minuta na gostosa banha do teju-assú...

Caiçuma

Vamos beber caiçuma
no alto da Serra...
vamos comer carne branca
sapecada no muquém...
vamos assar bochecha
de gente branca
na grelha de aratiema...
vamos amacar estranjas
com cordas de cipó...
ou poitas de buriti...

Alerta caboclada,
vamos ao brodio da poema...
vamos afiar os colmilhos
vamos polir langapema...
vamos beber caiçuma
no alto da Serra...

Depois da farta comelança
vamos fazer barém...
vamos dansar,
vamos saltar,
vamos gritar
louvores ao muquém:
"Muquém gostoso,
"muquém cheiroso,
"muquém ardoso,
"muquém! muquém!"
Haja cauim, caiçuma
no alto da serra...

LUIZ DE CASTRO.

Mas não é só isso. Ainda no Ceará contamos com a esplendida MARACAJÁ", revista de vanguarda, antropofagica, já se vê dirigida pelo Renato Souzas, Garrido, e o Mario de Andrade de M. No Rio Grande do Norte, "A Republica" tem publicado optimos artigos sobre a antropofagia. Nos nossos ultimos numeros transcrevemos, "Miss Macunaima Macunaima", de Alberico, e um panorama da "descida antropofagica", de Nunes Pereira. Em Pernambuco, o "Jornal do Commercio" nos abriu as columnas para um supplemento semanal. E ahi temos a adhesão importantissima de Ascenso Ferreira, o grande poeta do "Catimbó", de Indjosa e outros rapazes de talento. Em Alagôas, Jorge de Lima. Na Bahia, "Arco e Flexa" de cuja redação ainda agora aualamos de receber esta communicação: "Emprehendemos fazer um supplemento especial de antropofagia, nos numeros vindouros "Arco e Flexa" é a revista de Chiacchio, de Carvalho Filho, de toda a trabalho vanguardismo bahiano, bom como a pimenta da terra deles. No Espirito Santo e o "Diario da Manhã". E' essa extraordinario Barcia de Bezerra de. E' bula a mocidade. No Rio, é Hamilbal Machado, é Alvaro Moreyra, é Clovis de Gusmão, e feito do amplo esforço redoirado de sol.

Os curumins ajuntam maravilhas de barbatimão, misturandas a resina de andiróba e sobreulçam a faúlha do isqueiro.

Está feita a coivára da Serra para o brazilo alegre da muquém.

A tribu tem fome de carne branca.

Continúa a estrugir o boré.

Irrompem do seio da mata os primeiros ululos da poema.

E' a hora do mastigo!

O cauim ferve nas cuias.

A dansa guerreira começa rodopiando derredór da Ocára...

A tribu tem fome de embiára branca.

E, os caboclos inspiram a Tupan, unem tres a quatro emplumas...

Venham os Marinetes, dizem elles: venham os brancos Marinetes, nedios e repolhudos, que estamos damniscos por uma bochecha de carne branca refogada em môlho de lucupi.

Recomeça a poema. Continúa o estrugir do boré.

Os curumins vaseolejam maracás...

As cunhantãs reloucam-se deliciosas e ardentes, na inetuosa volupia da gula, pelas vastas clareiras sobreloiradas de sol.

O bruzido da fogueira de pau d'arco está prompto para a muquem...

Os pagés atiram prêces a Tupan para a vinda das cudiáras, enquanto no largo terreiro da ocára reina a langapema...

As velhas moquenteiras lambem os beiços sensuaes só antegostando o salor de um par de bochechas sapecadas a minuta na gostosa banha do teju-assú...

Desenho de Cicero Dias

O DIREITO ANTROPOFAGICO

O bacharel Pontes de Miranda lançará as bases da futura codificação

BELEM, 2 (A. B.) — O "Estado do Pará" publica um topico informando que o jurisconsulto Pontes de Miranda, tomando a frente dos pioneiros da Escola Antropophagica, lançará, dentro de pouco tempo, as bases para a reforma dos codigos que nos regem actualmente, substituindo-os pelo direito biologico, que admitte a lei emergindo da terra, á semelhança das plantas.

Essa noticia foi recebida com enthusiasmo entre os adeptos da "Antropophagia", que são muito numerosos nesta capital.

GENIALIDADES

O sr. Motta Filho — o critico desconhecido — confunde Joseph de Maistre com Xavier de Maistre e por isso chama gravemente ao defunto Jackson de Figueiredo de "discipulo de São Thomaz de Aquino e de Xavier de Maistre"! Mas está certo. O notavel escritor já não chamou ao bacilo da tuberculose de bacilo de Paulo de Koch?

a antropofagia em marcha!

L'AVENIR ANTHROPOPHAGIQUE

Une extraordinaire nouvelle nous arrive aujourd'hui de l'étranger. Il paraît que dix-neuf Tziganes — des Tziganes, à valses lentes, à longues nuits de ma jeunesse, à femmes dames à doliman rouges et archets frondaisants — dix-neuf Tziganes, donc, sont accusés d'avoir assassiné plusieurs personnes, et de les avoir dévorées... Ca, c'est une information, à la bonne heure!

Et attendez, nous n'être pas au bout de votre surprise, non, de vos soupeurs.

D'abord, n'allez pas croire que ce crime — indigieux ait eu lieu dans un pays barbare ou perdu dans les déserts de l'Afrique, les glaces de la Patagonie ou les steppes sans fin de la Sibérie. Non, du tout, c'est en Europe, là, tout près en Tchécoslovaquie enfin, le pays le plus civilisé, soucieux de haute culture, pourvu de chemins de fer, de tramways et d'avions. Le procès est commencé à Kasho, capital de la Slovaquie occidentale. Stupéfiant.

Et puis, le joli, le fin du fin, c'est que ces Tziganes, des gourmets — une hérésie très artiste, vous savez — ne se sont pas contentés de dévorer leurs victimes, comme ça, rondement à la mauvaise franquette... Si donc il y a deux femmes parmi eux, deux fines cuisinières, qui leur ont préparé cette nourriture originale selon les meilleures recettes, en tirant des plus jolis morceaux certains coulis merveilleux, des paupiettes sans pareilles et les plus étonnantes petites grillades en guise de hors d'œuvre et pour couvrir l'appétit.

En outre, quelle intelligence pratique, sinon spéculative à proprement dire, chez ces amateurs de mets étrangers! Avec quelle netteté d'esprit, quelle vigueur dans la décision et quelle sorte d'élégance mathématique ils ont résolu ce problème sur lequel pâlissent depuis tant d'années les assassins de tous les pays: faire disparaître la victime!... Il y a des bésaunes qui la brûlent, la dépècent ou la jettent à l'eau. Entandilage. Eux, par un réfrigérateur tout de génie, ils la congèlent. La voilà la belle! novelle!

On pourrait s'étonner à juste titre que parmi ces ascendins si curieusement ingénieux [illegible] deux filetières, deux sourds-muets, un homme qui sait seulement signer son nom, un homme qui ignore complètement son âge — comme toutes nos bonnes âmes, au fait, — et un autre qui croit bien avoir vingt-deux ans, mais, en revanche, ne se doute pas du jour lequel il est né.

Ah! je vous dirais bien: "Quel radieux avenir vous aurez ouvert ces Tziganes avisés! Maintenant qu'on sait comment faire vraiment disparaître sans nulle trace les corps des victimes, nous allons donc enfin pouvoir supprimer tous les hommes politiques indésirables..."

Mais c'est quand il s'agira de les manger que le difficile commencera. Evidemment, l'entrecôte de radical-socialiste, bien cuit, et avec une bonne sauce béarnaise, on en viendrait encore à bout. Mais quand il faudra manger du Cochin en double ou une matelote de Marty... non, merci! En tout cas trop peu pour moi.

MARCEL BOULENGER.

(Art. do "Figaro", de [illegible], 23-5-29).

"BILLET PARISIEN"

CANNIBALES

En ces temps de première chaleur, mon fait pour la viande fraîche disponible singulièrement. Quelques frappantes, je me rouge tout doucement dans les cadres de l'enfance: le végétarien. Je ne m'en porte pas plus mal, ni moin porte-me-nais, non plus.

Qu'est pense le boucher? C'est le cadet de mes soucis, d'autant que cet honorable patente organise, l'année durant, pour me reprendre ce que je lui ai pris.

Mon boucher, n'est pas cannibale, encore moins anthropophage. Ce qu'il me vend pas. Il le vend à d'autres. Il dès prix immodestes. Mais les voisins, comme moi, n'hésitent heureusement pas pour leur plaisir.

Je ne sais pas si c'est cela qu'on appelle la civilisation, mais nous mangeons, tres volaire et gail, de la jarrete de bœuf, ou de mouton, ou de cheval, ou de tout autre animal pacifique, tandis que les envoyés — par exemple les tziganes tchécoslovaques que l'on juge actuellement du côté des Carpathes — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au goût que l'on a, soit pour la côtelette de veau, soit pour la côte d'Adam. Il n'y a pas, entre les deux, une bien grande différence...

Pardon, il y en a une, et d'importance! Quand on est chrétien, on paye pour manger la côte de veau. Quand on ne l'est pas, quand on est cannibale, on se sert [illegible] pour ne bouffer un semblant, au seul risque de mourir empoisonné, ou pendu.

Les tziganes tchécoslovaques qui mangeaient un prochain à toutes leurs repas apparaissent comme des monstres et l'on s'écarte d'eux ainsi qu'on ferait de pestiférés.

Je me demande [illegible] qui peut nous autoriser à leur manger à la fois tout de dégoût et tant de mépris.

Car, si les tziganes se nourrissaient d'hommes, c'est qu'ils n'avaient pas sans doute licence de se nourrir normalement, c'est qu'ils étaient réduits à la plus vaste et la plus sombre misère, c'est enfin qu'ils trouvaient à notre pauvre chair une saveur que nous sommes loin d'apprécier.

J'aurais à les plaindre que je ne les condamnerais pas. Je me contenterais de les mettre au régime de la suralimentation et je leur ferais manger du profiteur, du général et de curé...

BERNARD LAGACHE.

(Do "Paris Soir" [illegible]-5-29).

EN TCHECOSLOVAQUIE

LE "PROCÈS DES ANTHROPOPHAGES" SOULÈVE UNE ÉMOTION CONSIDÉRABLE

KASHO, 22 mai. — La troisième audience du procès des anthropophages sera consacrée à l'examen des conclusions déposées par la défense et qui tendent à faire suivre les débats par des experts médicaux.

Il est apparu, en effet, que les dix-neuf romanichels accusés de meurtre et de vol, et que le tribunal de Kasho, capitale de la Slovaquie occidentale, juge depuis deux jours, ne semblent pas pouvoir être considérés comme des êtres normaux.

Il est, en effet, très curieux d'assister aux efforts désespérés que tente le président pour écarter les faits de cannibalisme que les accusés persistent à avouer spontanément. Un président de tribunal s'efforçant d'innocenter un accusé qui s'obstine à se charger, c'est un spectacle peu banal qu'exploite cette curieuse tribune de la loi tchèque, laquelle ignore la cannibalisme.

L'assistance d'experts médicaux permettra peut-être de sauver la situation, mais le pittoresque macabre de l'affaire y perdra sans doute.

Les accusés ne perdent pas une occasion, en effet, de répéter que les cadavres de leurs victimes étaient, par les soins des [illegible], proprement transformés en goulache hongroise et en boulettes de viande, lesquelles, convenablement assaisonnées de poivre de Cayenne, constituaient à leurs dires un mets fort appétissant.

— Tu mens! clame le président, lorsqu'un des accusés [illegible] de répéter l'histoire.

Mais comme nos "accusés" de plaider de sa sincérité et d'apporter de nouveaux détails horribilants.

[illegible] déclarait à [illegible] les accusés, le tribunal pourra, sans pouvoir [illegible] que personne n'y trouve, sauver la dignité de son [illegible] et le prestige de la Te[illegible].

(Do "Volonté" de [illegible], 23-5-29).

Monteiro Lobato adhere á antropofagia

"A evolução mental obedece numa formula: conscientização do inconsciente. Progredir é conhecer, alcançar, ter consciencia do que a alma humana já nos tempos mais remotos sabia de instincto: isto é, inconscientemente. Ora, uma antropofagia consciente não destoa deste conceito".

("Idéas de Jeca Tatú", pag. 131 da 1.ª edição).

Jurandyr Manfredini, é Paulo nostro. [illegible] Fabio Luiz Serra por nos. O JORNAL transcreve artigos antropofagicos. Bezerra de Freitas se declara companheiro. Osorio Borba quer artigos para o "Diario Carioca". Alves de Souza taloheia, para "O Paiz". Em Minas, o modernismo se semeia. O "Correio Mineiro" dirigido por Paulo Silveiras, escancarou uma pagina semanal para a "Antropofagia". Leite Crióllo, a parte bôa, se confessa sympatico ao nosso movimento. (A parte pôdre diz que toda literatura não vale uma bôa amizade). No Paraná, Paulo Tacla mete o páo no Gorlinho Schmidl e no clericalismo. Brula vitoria da antropofagia. No Rio Grande, a agitação é tremenda. Mas a vitoria é nossa. Leiam este suelto redactorial do "Diario de Noticias", de Porto Alegre, o jornal mais importante de lá:

"PAGU — Pagu tem nome. Tem personalidade.

Toda a gente que lê, de sul a norte do Brasil, já ouviu falar, naturalmente, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um symbolo moderno. E' uma mulher, apenas. Uma mulher igual ás outras, ou, melhor, igual ás outras mulheres intelligentes. Tem dois olhos bonitos. Outros pares de coisas igualmente banaes. Sem falar na boca, que muzem ser sensacional.

Toda a cidade de São Paulo ficou sabendo de Pagu. E respeitando-a. E hoje que o movimento antropofagico é uma vitoria bonita da alegria nacional, o nome de Pagu está definitivamente emmaçado, como os daquelles figurões contidos da academia brasileira e adjacencias.

Mas o movimento culminante de sua gloria só veiu agora pra Pagu. Na festa em homenagem a Didi Caillet, depois de um discurso substancioso do sr. Alfredo Ellis e de outros numeros igualmente [illegible], Pagu compareceu tambem ao palco do Municipal.

Foi um successo delirante. A assistencia [illegible] Pagu com [illegible] excepcional. Valeu o nome de Pagu. Interrompeu a festa barulhentamente.

A esta hora, o adoravel criatura deve estar radiante. Porque, sem esperar, ella conseguiu, por onde [illegible] não consegue começar. A glorificação bulhenta da pateada e do valo. — T. T.'.

. . .

Em São Paulo, nem é bom falar. Este já é o nosso 13.° numero! As adesões vêm de todos os lados. O fascismo literario põe a raiva entre as pernas. Já estamos cansados de devorar tanto idiota.

Vamos agora publicar o nossa Bibliotequinha Antropofagica. Vamos reunir no Rio, em agosto, o Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. Tarsila vae fazer a sua exposição. A nossa grande ofensiva vae começar. O cauim ferve.

Que muquém gostoso!